

# Nikkeis

SYLVIA DANTAS DEBIAGGI

**A**

pós um século da imigração japonesa para o Brasil o fenômeno inverso já marca definitivamente a vida de muitos *nikkeis*<sup>1</sup> no país. Sobretudo a partir dos anos 90 muitos par-

tem ou vêm seus familiares e amigos partirem para a terra de seus ancestrais.

Uma parcela significativa volta para o Brasil e depois rumo novamente para o Japão. Estar entre contextos culturais tão distintos quanto o brasileiro e o japonês tem incontestavelmente caracterizado a vida de muitos *nikkeis* e desafiado o sentido de quem são e o sentido de suas vidas. Constitui, assim, a personificação das consequências do fenômeno da migração transnacional decorrente da globalização capitalista industrial. Se todo *nikkei*, como toda pessoa bicultural, enfrenta o desafio cotidiano de negociar entre a cultura de origem da fa-

*entre o Brasil  
e o Japão:  
desafios  
identitários,  
conflitos  
e estratégias*

**SYLVIA DANTAS DEBIAGGI**

é coordenadora do Serviço de Orientação Intercultural do Instituto de Psicologia da USP e autora de *Changing Gender Roles: Brazilian Immigrant Families in the U.S.* (LFB Scholarly Publishing).

<sup>1</sup> Nikkei (日系) é uma denominação em língua japonesa derivada do termo *nikkeijin* (日系人), que se refere aos japoneses que emigraram do Japão e seus descendentes. O termo *nikkei* tem diferentes e múltiplos significados dependendo da situação local e ambiente. Pode incluir os filhos de casamentos mistos que se autodenominam *nikkeis*. No Japão o termo também é usado pelos nativos para designar os emigrantes que voltam para o país e seus descendentes ([www.discovernikkei.org](http://www.discovernikkei.org)).

mília e a cultura majoritária, esse desafio torna-se mais complexo quando o trânsito entre países de culturas tão contrastantes quanto o Brasil e o Japão é concreto e recorrente em suas vidas e de seus próximos. Pretendemos neste artigo abordar algumas questões psicológicas profundas que emergem dessa realidade, conforme constatamos a partir de atendimentos no Serviço de Orientação Intercultural do Instituto de Psicologia da USP. Na intersecção entre história pessoal e momento histórico atual, com as representações coletivas atribuídas aos *nikkeis*, tanto no Japão quanto no Brasil, muitos vivem um profundo questionamento quanto ao sentido da própria etnicidade. Identificações originadas na história pessoal de vida são elementos que permeiam o momento do ciclo vital pelo qual estão passando, afetam consciente ou inconscientemente diversas decisões como ocupação, escolha amorosa, local de moradia, e são atravessados por questões de classe, gênero e relações intergeracionais.

## ORIENTAÇÃO INTERCULTURAL, BREVE DESCRIÇÃO DO ENFOQUE E DO TRABALHO

O trabalho de orientação intercultural<sup>2</sup> oferece atendimento psicoterápico breve e orientação intercultural individual, grupal e familiar para imigrantes no Brasil, brasileiros descendentes de imigrantes, brasileiros retornados do exterior, e brasileiros que vão para fora do país. O Serviço de Orientação Intercultural foi idealizado e desenvolvido por esta pesquisadora através do projeto de pesquisa “Intervenção Psicossocial no Processo de Inserção Cultural”, por meio do programa Pro-Doc Capes junto ao professor Geraldo José de Paiva no programa de pós-graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP. Este trabalho é realizado por uma equipe composta por profissionais de psicologia com formação em diferentes abordagens teóricas (psicaná-

lise, sistêmica, existencial, psicodramática), que são doutorandos, mestres, mestrands, alunos especiais em psicologia social, todos ex-alunos do curso de pós-graduação em psicologia social E/i-migração e Cultura na Psicologia Social: Questões Atuais e Suas Decorrências para o Indivíduo e o Grupo por mim ministrado. Realizamos reuniões quinzenais em que supervisiono os atendimentos e orientações efetuadas.

A área de ação da intervenção psicossocial se configura no complexo processo de interação sujeito-meio social e objetiva o bem-estar humano (Sarriera, 2000). Em nosso trabalho adotamos a técnica de psicoterapia breve e orientação a partir de uma perspectiva intercultural. O enfoque intercultural promove uma visão ampla, dinâmica e flexível dos fenômenos psicossociais (Lambert, 1980), e entende o desenvolvimento humano e suas manifestações decorrentes da relação dialética entre o sujeito e os contextos culturais e sociopolíticos (Berry et al., 1992). Esse enfoque também utiliza uma ampla base de teorias para organizar dados e análises, mas tem um conjunto único de métodos, na medida em que considera aspectos específicos da cultura, êmicos, e aspectos gerais, universais, éticos. Na abordagem êmica, estuda-se o comportamento a partir do interior do sistema; examina-se uma cultura apenas; o analista descobre a estrutura; os critérios são relativos às características internas. Na abordagem ética, estuda-se o comportamento de uma posição externa ao sistema; examinam-se mais culturas, comparando-as umas com as outras; o analista cria a estrutura; os critérios são considerados absolutos ou universais.

Portanto, na perspectiva intercultural é imperativo basearmos os estudos em seus contextos culturais. Necessitamos compreender etnograficamente as culturas em contato para entendermos o indivíduo. Atualmente, como sugere Cusche (1999), as pesquisas sobre o processo de aculturação renovaram profundamente a concepção que os pesquisadores tinham de cultura, partindo-se agora da aculturação para a compreensão da cultura. Toda cultura é

2 <http://www.jp.usp.br/laboratorios/intercult/index.htm>.

um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução que em tempos de rápidos deslocamentos e constante contato intercultural torna-se extremamente dinâmico. Como nos lembra aquele autor, cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração para geração, e sim uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si. Na análise de um sistema cultural, faz-se necessário analisar a situação sócio-histórica que o produz, pois as culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais.

Dois conceitos da psicologia intercultural nos têm sido bastante úteis: aculturação psicológica e estresse de aculturação (Berry et al., 1992).

A aculturação psicológica consiste em um processo pelo qual os indivíduos passam decorrente de uma mudança de contexto cultural, implica o contato contínuo com outra cultura. Na migração, isso envolve uma seqüência de processos muitas vezes únicos ao fenômeno migratório. Indivíduos são socializados em uma cultura e vão depois morar em uma outra, passando, portanto, por uma sucessão de estados em um processo de ressocialização decorrente de mudança de contexto cultural. No nível psicológico, dois aspectos são fundamentais: até que ponto se deseja ou é valorizado manter contato com o grupo majoritário fora do próprio grupo cultural e até que ponto se deseja ou é valorizado manter a identidade cultural e características culturais. Essas questões geram quatro variedades de aculturação. Chamamos de assimilação à estratégia em que o indivíduo abre mão de sua cultura de origem e adota a cultura majoritária. A assimilação, portanto, não equivale à aculturação como tradicionalmente se usava o termo, pois é apenas um tipo dessa. Em contraste, uma estratégia de separação se dá quando se evita o contato com a sociedade majoritária e há um apego à cultura original. A integração representa uma estratégia em que um grau de manutenção da cultura de origem ocorre simultaneamente à interação com outros grupos. Já a marginalização se dá

quando há pouco interesse ou possibilidade de manutenção da própria cultura e pouco interesse em manter contato com outros grupos. No caso de marginalização, o indivíduo fica como que suspenso, geralmente num estado de conflito pessoal e social entre as duas culturas. A aculturação não é necessariamente uniforme nas dimensões do comportamento e vida social, pois, por exemplo, um indivíduo pode buscar assimilação econômica (no trabalho), integração lingüística (bilingüismo) e separação no que concerne à parceria conjugal (endogamia). Além disso, podem-se empregar diferentes estratégias ao longo do tempo e, ao falarmos em estratégias de aculturação, compreendemos o indivíduo como ator social, que não é desprovido de uma certa margem de manobra embora o contexto seja crucial nessa elaboração.

O contato entre culturas é naturalmente gerador de estresse, contudo este será maior ou menor dependendo de uma série de fatores pessoais e situacionais. Daí a utilidade do modelo de estresse de aculturação em que este varia em função de um conjunto complexo de fatores contextuais e pessoais de cuja interação decorrem diferentes graus de estresse. Conforme explanamos mais detalhadamente em outro artigo (DeBiaggi, 2005), há uma gama de fatores que medeia a relação entre aculturação e estresse, como o modo de aculturação, fase de aculturação, natureza da sociedade majoritária (se é, por exemplo, assimilacionista, preconceituosa e discriminatória), políticas públicas com relação aos grupos em aculturação na sociedade (acesso à saúde, moradia, educação, direitos políticos), apoio social de redes sociais, idade e *status* social, características do indivíduo, tanto cognitivas, como a avaliação e formas de enfrentamento, o sentimento de controle cognitivo sobre o processo de aculturação (segundo o modelo de Berry et al., 1992), quanto relativas a aspectos psicodinâmicos, que acrescentamos a esse modelo. Dessa forma, não deixamos de observar os aspectos latentes do inconsciente daquele que nos procura, seu mundo interno de relações objetais, suas fantasias, identificações e seus mecanismos de defesa

relativos às ansiedades despertadas diante do novo e do desconhecido, ansiedades diante das perdas decorrentes do deslocamento, e ansiedades confusionais diante da incapacidade de distinguir entre o velho e o novo, assim como as motivações manifestas e latentes da mudança (Grinberg & Grinberg, 1989). Desse modo, trabalhamos com terapia breve cujo enfoque considera o paciente-pessoa como ser social, com uma ação recíproca dialética do interno e externo, e vincula os problemas pessoais com os aspectos do mundo circundante. Fiorini (1985) propõe uma psicoterapia breve de base psicanalítica que vem ao encontro de uma proposta intercultural, em que encontramos as mesmas características apontadas por Sue (Draguns, 1986) acerca de terapeutas culturalmente efetivos. Estes se caracterizam por: autoconhecimento, especialmente quanto ao que se considera comportamento apropriado e impróprio; consciência das características gerais da terapia e sua relação com a cultura e classe social; habilidade de compartilhar a visão de mundo do cliente e não estar culturalmente encapsulados; compreensão das forças sociopolíticas que afetam os clientes, especialmente racismo e opressão; domínio eclético de técnicas e teorias; e habilidade de escolher qual é a mais apropriada para o cliente em particular.

Já a orientação e o preparo intercultural constituem um trabalho também preventivo no sentido de facilitar a inserção do emigrante em uma nova cultura. O preparo fornece ao indivíduo a possibilidade de entrar em contato com diversos determinantes geradores de estresse possibilitando assim a realização de uma mudança de país mais consciente das implicações envolvidas nesse deslocamento.

A ampliação que o enfoque intercultural proporciona impede que se incorra no equívoco comum e perigoso de psicopatologizar *a priori* a situação migratória, algo comum durante o século XIX na América do Norte, em que os imigrantes eram tidos como pessoas desajustadas e propensas à doença mental. Os estudos apontavam para a tendência suicida de japoneses na

Califórnia, a tendência delirante de natureza persecutória dos negros das Antilhas, os complexos sexuais latentes entre hebreus e a prevalência ao mutismo dos poloneses. Posteriormente tais posicionamentos foram reformulados nos anos 50, quando estudos sociológicos sobre os imigrantes levaram em conta os conceitos de “*powerlessness*” (falta de controle sobre a própria vida) e alienação, situações geradoras de maiores graus de estresse e desordens mentais (Portes & Rumbaut, 1990) estabelecendo uma relação entre classe e doença mental. Contudo, essa contextualização, apesar de historicamente demonstrada como pertinente e necessária, ainda deixa de ocorrer em muitos locais e países, favorecendo relações desiguais, opressivas e reações explícitas ou sutis de xenofobia. O trabalho de orientação e psicoterapia intercultural surge como medida preventiva ao abordar as decorrências concretas do contato intercultural para a pessoa e o grupo que vive essa situação.

## PARTICIPANTES

Vinte e dois *nikkeis* procuraram a orientação intercultural do final de 2003 a meados de 2008. Desses, onze realizaram psicoterapia breve e/ou orientação intercultural em média de sete sessões, variando de uma a doze sessões (prazo máximo por nós estipulado no serviço, correspondente a três meses de atendimento, uma vez por semana). Os outros onze participaram do *workshop* “Adaptação no Brasil”, em 2007, realizado pela psicóloga da equipe, Laura Ueno (Ueno, 2008). A idade média foi de 35,5 anos, variando de 21 a 58 anos. Em termos de grau de instrução, metade tinha o superior completo, seis estavam cursando o superior, dois tinham superior incompleto e três haviam completado o ensino médio. Cinquenta por cento pertenciam à segunda geração, 33%, à terceira geração, deste um quarto sendo mestiços, e os outros sendo japoneses. A maioria havia estado no Japão como *dekassegui* e duas pessoas haviam sido, além de *dekasseguis*, também bolsistas no Japão.

Interessante notar que o grau de instrução dos participantes é alto em comparação com a média de ensino da população brasileira. No Japão, no entanto, vão exercer funções pesadas em linhas de montagem em fábricas que, através de agenciadores, contratam *nikkeis* que vão para o país. A ida para o Japão é uma estratégia encontrada pelos *nikkeis*, conforme aponta Mori (s.d.), no intuito de dar continuidade à manutenção de um *status* de classe média diante da realidade socioeconômica brasileira de crescente desigualdade social e achatamento desse segmento social.

## MOTIVAÇÕES, DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS ENVOLVIDAS E SUA COMPREENSÃO

Conforme mencionado acima, a maioria dos *nikkeis* que realizaram psicoterapia breve e/ou orientação intercultural havia trabalhado como *dekasseguis* no Japão em algum momento da vida ou estavam em trânsito entre os dois países, além de familiares e pessoas significativas estarem ou terem estado no Japão ou com planos de ir para lá. Os motivos que os levaram a procurar a orientação intercultural foram, na sua maioria, a “dificuldade na readaptação” ao Brasil, além de auxílio na decisão de reemigrar ou não para o Japão. Demonstravam inicialmente estar em estados confusionais, depressivos e alguns persecutórios.

A circulação entre os dois países apresenta-se como uma constante em suas vidas, seja por realizarem essa mudança pessoalmente ou a presenciarem por parte de pessoas próximas. Dentre os que realizaram psicoterapia breve e orientação intercultural, mais da metade estava cursando o ensino superior, tanto na graduação como na pós-graduação. Devido ao tempo despendido na experiência *dekassegui*, em geral os estudantes já estavam em idade mais avançada em comparação aos colegas da faculdade.

Vários estudos apontam para a questão do sentimento de não-pertencimento gerado pelo grande hiato que o contato entre *nikkeis* e japoneses descortinou (Oliveira, 1995; Mori, 2000; Sasaki, 2005). A expectativa inicial, tanto dos emigrantes quanto do governo do Japão, que a partir de 90 estimula a ida dos descendentes, era de que haveria uma vivência de encontro, mantendo a homogeneidade cultural e étnica daquele país. Contudo, essa expectativa logo se desfaz, pois se trata de pessoas socializadas em culturas bastante distintas, emergindo assim o fato de, apesar da ancestralidade e fenótipo comuns, os *nikkeis* brasileiros terem identidades culturais muito diferentes da dos japoneses. Como um de nossos participantes mencionou, “Aqui eu sou ‘japa’ e lá sou estrangeiro” (retornado do Japão). Podemos perceber a angústia que essa simples frase contém. Antes de rumarem para o Japão, os *nikkeis* eram percebidos como “japoneses no Brasil” (Lesser, 2000), mas passam a se reconhecer e a ser reconhecidos no país dos ancestrais como “brasileiros no Japão” (Oliveira, 1995). Contudo, em uma sociedade como a brasileira, que ainda não incorporou o biculturalismo como próprio de sua formação, os nipo-brasileiros são comumente referidos como “japoneses” ou “japas”. Resta verificar se a partir das comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil, que tem dado grande visibilidade à importante contribuição desses imigrantes e seus descendentes brasileiros a nossa sociedade, haverá uma ampliação da idéia sobre nossa formação cultural. No Japão, os *nikkeis* sofrem preconceito por não serem considerados japoneses e sim estrangeiros, ou seja, a idéia de biculturalismo parece ser ainda uma questão mais distante. Como nos lembra Bezerra Jr. (2005), o ser humano é um ser social, depende do outro para se definir e sentir-se real. Pior que o medo da morte é o sentimento de não pertencer a nada nem a ninguém. Um sentimento que muitos *nikkeis* têm enfrentado em ambos os territórios e que atravessa todas as esferas da vida.

Os motivos manifestos de “dificuldade na readaptação” ao Brasil, além de auxílio

na decisão de reemigrar ou não para o Japão, estavam vinculados a questões profundas de identificação masculina e feminina fortemente atravessadas por aspectos culturais. Nos atendimentos realizados, muitos apresentavam momentos de vida em que escolhas profissionais e amorosas precisavam ser feitas, emergindo assim fortemente as identificações com figuras primárias e significativas, representativas da cultura em questão. Conjeturamos que, diante desse cenário sociocultural e familiar de rupturas e separações constantes, as questões de identificação adquirem uma potência redobrada sendo representativas de vínculos que fornecem algum sentido de pertencimento e continuação. Como somos introduzidos à cultura através das figuras primárias, essas identificações vêm carregadas de afeto. As identificações são um “processo psicológico pelo qual um indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo dessa pessoa. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações” (Laplanche & Pontalis, 1983, p. 295). Nesse processo, identificações conscientes e inconscientes entram em jogo na formação do jovem e em sua relação com o mundo. Cabe lembrar que nosso senso de identidade é desenvolvido a partir da conexão com os outros (Grinberg & Grinberg, 1989; Winnicott, 1975). Essa conexão, aliada ao processo de reflexão e observação simultâneas, é a base da formação identitária. A identidade psicossocial, segundo Erikson (1968), caracteriza-se por um entrelaçamento concomitante entre o subjetivo e o objetivo, o individual e o social. Há uma complementaridade entre história pessoal e a História. O estudo da identidade psicossocial requer uma avaliação dos elementos de identificação hierarquicamente considerados positivos e negativos presentes na história e momento do ciclo vital de cada um e em dado momento histórico.

Notamos nos atendimentos que esse entrelaçamento constituía-se de vários nós, sendo necessário assim trazer à tona esses emaranhados simbólicos a fim de

possibilitar escolhas conscientes e livres na medida do possível. Uma estudante que nos procurou chegou muito confusa, pois, ao mesmo tempo em que queria seguir a faculdade, havia a solicitação de ir para o Japão, onde o noivo se encontrava. Todavia, ela só queria ir se pudesse trabalhar em sua futura especialidade, como terapeuta ocupacional. Os laços afetivos de sua história a puxavam para um lado que lhe era fantasmagórico, pois ir para o Japão sem poder exercer sua profissão significaria sucumbir à identificação da figura feminina da história familiar japonesa. Sua avó materna viera para o Brasil quando pré-adolescente, e viera forçada junto com o irmão mais velho. Logo em seguida casou-se, por casamento arranjado, e teve vários filhos com um homem bem mais velho. Essa senhora, desde que chegou no Brasil, diz que vai voltar para o Japão e ser recebida pelo príncipe. Ela foi diagnosticada com quadro de psicose. Diante do relato de sua história familiar, percebemos o medo da estudante de identificar-se e ser identificada com a avó, quando em seguida refere que ela, estudante, foi para o Japão trabalhar em fábrica, como *dekassegui*, a fim de ajudar o pai que lá estava. Diz ter se sentido muito mal no Japão e que, após quase um ano, voltou para o Brasil por não mais suportar aquela situação. Apontamos, nesse momento, que sua história já se diferencia da história da avó na medida em que ela pôde voltar por conta própria. Mas seguir seu caminho também significa ter de contar consigo mesma. O processo terapêutico, assim, possibilita a compreensão da trajetória intergeracional familiar e das amarras passadas e presentes que continuam a forçar a repetição de um modelo feminino sem voz. Dar voz implica prover um espaço de ressignificações, descobertas e novas alternativas. Um processo árduo e, conforme apontamos, repleto de significações culturais.

Um outro estudante, preste a terminar a faculdade, disse se sentir deprimido por não saber se queria seguir a carreira escolhida, apesar de ser excelente aluno e de lhe terem sido oferecidas boas oportunidades de emprego durante estágios realizados

pela faculdade. Pensava em voltar para o Japão, onde trabalhara como *dekassegui*. Inicialmente falou pouco do pai. Contudo, após algum tempo, relatou que o pai estava trabalhando como *dekassegui* no Japão, apesar de ter uma boa profissão, mas ficou desempregado. Uma relação distante e de pouco contato com a figura paterna marca a vida do aluno. No momento em que estava prestes a se formar, a pensar em constituir uma família, entrou em um estado confusional, depressivo. Vimos, assim, a necessidade de elaborar<sup>3</sup> sobre a identificação masculina, pois ir para o Japão representava um desejo de maior proximidade com o pai e de ser como ele. O processo de diferenciação, no entanto, é um processo dolorido, pois implica se dar conta da dor da ausência paterna, da mágoa e ressentimento. Contudo, tal processo permite que essa distância possa ser inclusive superada na medida em que se entra em contato com as reais limitações das relações e a aceitação do outro e de si como sujeitos de tempos, e processos culturais distintos, sendo ele da segunda geração no Brasil e com sonhos e um modo de ser todo próprio, em que se mesclam aspectos das culturas japonesa e brasileira. Reconhecer as diferenças possibilita de fato uma real proximidade, baseada no conhecimento e não em fantasias ou expectativas irrealis.

No trabalho relativo às identificações, observamos um processo permeado por questões culturais e de diferentes processos de aculturação daquele que nos procura e de suas figuras significativas. Nesse sentido, ser bicultural, nipo-brasileiro significa, entre outros aspectos, encontrar um equilíbrio entre a própria individuação, uma marca das culturas ditas ocidentais, ao lado do sentimento de dever para com a família e o grupo, marca da cultura japonesa. Cabe notar que a própria definição de maturidade emocional, em geral, nas culturas ditas orientais, difere da definição nas culturas denominadas ocidentais. Enquanto, *grosso modo*, na perspectiva oriental, o indivíduo é um ser essencialmente social e seu crescimento interior significa desenvolver a capacidade de empatia e conexão, na ocidental o indivíduo é um ser psicológico

e sua maturidade está relacionada a um aumento de sua capacidade humana para a diferenciação, para o discriminar-se do outro e, portanto, para a separação. Há, portanto, um contraste entre uma concepção que prega a auto-realização, autodeterminação e o individualismo e outra baseada em princípios que valorizam o coletivismo, a interdependência, a lealdade familiar e a devoção filial (Benedict, 2006; Chan & Leong, 1994). A busca de um equilíbrio entre essas duas perspectivas constitui, portanto, uma questão fundamental a ser elaborada principalmente para *nikkeis* de segunda e terceira geração. Devemos lembrar, contudo, conforme mencionado anteriormente, que as culturas encontram-se em constante transformação em um mundo cada vez mais interdependente e conectado através das novas tecnologias de transporte e informação, e sob constante influência de valores consumistas em que os mercados globais se impõem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme aponta Hall (2003), a recente globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas de uma cultura nacional, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação. As identidades se tornam mais posicionais, mais políticas, mais plurais e menos fixas, gerando um efeito geral contraditório. Temos, nessa era de modernidade tardia, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, formando culturas híbridas. Importante lembrar que a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. Contudo, em um mundo tomado pela pressa, pelas desigualdades sociais crescentes nos países e entre os países, e um crescente deslocamento de pessoas entre territórios nacionais, podemos, apesar do sofrimento que tais contradições impõem a muitos, reconhecer novas possibilidades de ser.

<sup>3</sup> A elaboração psíquica, uma expressão psicanalítica utilizada por Freud, designa um trabalho psíquico de integração e estabelecimento de conexões associativas daquilo que de outra forma pode ser excessivo para o psiquismo e cuja acumulação ameaça ser patogênica (Laplanche & Pontalis, 1983, p. 196).

Tais questões apontam para a necessidade urgente de as sociedades reconhecerem e apropriarem-se de seu pluralismo cultural. Essa mudança requer medidas concretas que envolvem o acesso aos direitos de

cidadania a todos e o reconhecimento de cidadãos biculturais (ou multiculturais) como a personificação da possibilidade de ampliação e enriquecimento cultural de todas as sociedades.

---

## BIBLIOGRAFIA

- BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo, Perspectiva, 2006.
- BERRY, John; POORTINGA, Yves; SEGAL, Marshal & DASEN, Pierre. *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge, Cambridge University Press, 1992.
- BEZERRA JR., Benilton. "A Solidão de Não Pertencer: uma Observação a Partir de um Fragmento de Clarice Lispector", in Helion Pova Netto e Ademir Ferreira (orgs.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares*. Rio de Janeiro, Faperj, Editora Revan, 2005.
- BLEGER, Jose. *Psico-higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
- CHAN, S. & LEONG, C. "Chinese Families in Transition: Cultural Conflicts and Adjustment Problems", in *Journal of Social Distress and the Homeless*, vol. 3(3), 1994.
- CUSCHE, Denys. *O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais*. Bauru, Edusc, 1999.
- DEBIAGGI, Sylvia Dantas & PAIVA, Geraldo José. *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2004.
- DEBIAGGI, Sylvia Dantas. "Migração e Implicações Psicológicas: Vivências Reais para o Indivíduo e o Grupo", in *Travessia – Centro de Estudos Migratórios*, ano XVIII, nº 53, 2005, pp. 16-20.
- \_\_\_\_\_. "Psicanálise, Globalização e Interculturalidade", in *Revista Boletim Formação em Psicanálise. Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (no prelo)*.
- DRAGUNS, Juris. "Cross-cultural Counseling and Psychotherapy: History, Issues, Current Status", in A. Marsella & P. Pederson (eds.). *Cross-Cultural Counseling and Psychotherapy*. New York, Pergamon Press, 1986.
- ERIKSON, Erik H. "Psychosocial Identity", in D.Sills & Merton (eds.). *International Encyclopedia of the Social Sciences*. New York, Macmillan-Free Press, 1968.
- FIORINI, Hector. *Teorias e Técnicas de Psicoterapias*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1985.
- GRINBERG, Leon & GRINBERG, Rebecca. *Psychoanalytic Perspectives on Migration and Exile*. New Haven, Yale University Press, 1989.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.
- LAMBERT, William. "Introduction to Perspectives", in *Handbook of Cross-cultural Psychology. Perspectives*, vol. 1. Boston, Allyn and Bacon, 1980.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- LESSER, Jeffrey. *A Negociação da Identidade Nacional*. São Paulo, Editora Unesp, 2000.
- MORI, Koichi. *Transmigrant Patterns of Migrant Labor: 15 Years of Nikkei Brazilian 'Dekasegi'*. Paper apresentado no Simpósio Internacional de Deslocamento de Trabalhadores Estrangeiros e sua Fixação. Centro de Estudos de Economia Comparativa da Universidade de Hosei, Japão, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O Nikkei Brasileiro Enquanto Classe Média*. Paper apresentado na FFLCH-USP, s.d.
- OLIVEIRA, Adriana. *Japoneses no Brasil ou Brasileiros no Japão? A Trajetória de uma Identidade em um Contexto Migratório*. Dissertação de mestrado. Unicamp, 1995.
- PORTES, Alexandre & RUMBAUT, Rubens. *Immigrant America: a Portrait*. Berkeley, University of California Press, 1990.
- SARRIERA, Jorge. *Psicologia Comunitária, Estudos Atuais*. Porto Alegre, Sulina, 2000.
- SASAKI, Elisa. "A Questão da Identidade dos Brasileiros na Migração entre Brasil e Japão", in Helion Pova Netto & Ademir Ferreira (orgs.). *Cruzando Fronteiras Disciplinares*. Rio de Janeiro, Faperj/Revan, 2005.
- UENO, Laura. *Migrantes em Trânsito entre Brasil e Japão: uma Intervenção Psicossocial no Retorno*. Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia da USP, 2008.
- WINNICOTT, D. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.